

ESTRESSE E SOFRIMENTO EM ENFERMEIROS HOSPITALARES: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS PESSOAIS, LABORAIS E HÁBITOS DE VIDA

Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros¹ 
Jael Maria de Aquino¹ 
Gustavo Aires de Arruda² 
Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi³ 
Betânia da Mata Ribeiro Gomes¹ 
Maria Sandra Andrade¹ 
Estela Maria Leite Meirelles Monteiro⁴ 

¹ Universidade de Pernambuco, Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem. Recife, PE, Brasil.

² Universidade de Pernambuco, Escola Superior de Educação Física. Recife, PE, Brasil.

³ Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

⁴ Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Recife, Pernambuco, Brasil.

RESUMO

Objetivo: identificar as possíveis associações entre o estresse e o sofrimento com as variáveis pessoais, laborais e hábitos de vida.

Método: estudo transversal, quantitativo, exploratório, correlacional, realizado no período de junho de 2019 a fevereiro de 2020. Os dados sobre as características pessoais, hábitos de vida e as condições de trabalho foram obtidos com a aplicação de questionário. Para avaliação do estresse, utilizou-se o Inventário de Estresse em Enfermeiros e, para o sofrimento, aplicou-se a Escala de Indicadores de Prazer e sofrimento no Trabalho, ambos nas versões brasileiras.

Resultados: o estresse esteve associado à insatisfação com a remuneração, indicadores de sofrimento e interesse em mudar de emprego e profissão. As comparações entre os indicadores de sofrimento e os domínios de investigação do estresse foram significativas.

Conclusão: o estresse vivenciado na atividade laboral do enfermeiro recebe forte influência da baixa remuneração, levando-o a desejar mudar de emprego e profissão. O esgotamento profissional e a falta de reconhecimento são estressores que impulsionam mecanismos de defesa, dentre eles, o desejo de mudar de emprego.

DESCRITORES: Estresse psicológico. Estresse ocupacional. Angústia psicológica. Saúde mental. Saúde do trabalhador. Enfermagem.

COMO CITAR: Medeiros SEG, Aquino JM, Arruda GA, Robazzi MLCC, Gomes BMR, Andrade MS, et al. Estresse e sofrimento em enfermeiros hospitalares: relação com variáveis pessoais, laborais e hábitos de vida. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2023 [acesso MÊS ANO DIA]; 32:e20220290. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0290pt>

STRESS AND SUFFERING IN HOSPITAL NURSES: RELATIONSHIP WITH PERSONAL AND WORK VARIABLES AND LIFE HABITS

ABSTRACT

Objective: to identify the possible associations between stress and suffering with personal, work and lifestyle variables.

Method: cross-sectional, quantitative, exploratory, correlational, conducted from June 2019 to February 2020. Data on personal characteristics, life habits and working conditions were obtained with the application of a questionnaire. To assess stress, the Nurses' Stress Inventory (*Inventário de Estresse em Enfermeiros*) was used and, for suffering, the Pleasure and Suffering Indicators at Work Scale was applied, both in the Brazilian versions.

Results: stress was associated with dissatisfaction with remuneration, indicators of suffering and interest in changing jobs and professions. The comparisons between the indicators of suffering and the domains of stress investigation were significant.

Conclusion: the stress experienced in nurses' work activity is strongly influenced by low remuneration, leading them to wish to change jobs and professions. Professional burnout and lack of recognition are stressors that drive defense mechanisms, among them, the desire to change jobs.

DESCRIPTORS: Psychological stress. Occupational stress. Psychological distress. Mental health. Occupational health. Nursing.

ESTRÉS Y SUFRIMIENTO EN ENFERMERAS DE HOSPITALES: RELACIÓN CON VARIABLES PERSONALES, LABORALES Y HÁBITOS DE VIDA

RESUMEN

Objetivo: identificar posibles asociaciones entre estrés y sufrimiento con variables personales, laborales y hábitos de vida.

Método: estudio transversal, cuantitativo, exploratorio, correlacional, realizado de junio de 2019 a febrero de 2020. Los datos sobre características personales, hábitos de vida y condiciones de trabajo se obtuvieron mediante la aplicación de un cuestionario. Para la evaluación del estrés, se utilizó el Inventario de Estrés en Enfermeras y, para el sufrimiento, se aplicó la Escala de Indicadores de Placer y Sufrimiento en el Trabajo, ambas en versiones brasileñas.

Resultados: el estrés se asoció a la insatisfacción con el salario, indicadores de sufrimiento e interés por cambiar de trabajo y profesión. Las comparaciones entre los indicadores de angustia y los dominios de investigación del estrés fueron significativas.

Conclusión: el estrés experimentado en el trabajo de los enfermeros está fuertemente influenciado por la baja remuneración, llevándolos a querer cambiar de trabajo y de profesión. El agotamiento profesional y la falta de reconocimiento son factores estresantes que impulsan los mecanismos de defensa, incluido el deseo de cambiar de trabajo.

DESCRIPTORES: Estrés psicológico. Estrés laboral. Trastorno psicológico. Salud mental. Salud del trabajador. Enfermería.

INTRODUÇÃO

O prazer e o sofrimento são inerentes a qualquer atividade laborativa¹. No trabalho dos enfermeiros, vivências positivas como a contribuição na cura, reabilitação dos enfermos e o sentimento de gratidão dos envolvidos no processo do cuidar reforçam as sensações de prazer. Entretanto, o estresse, a sobrecarga de trabalho, as cargas horárias exaustivas e as elevadas exigências de conhecimentos, habilidades técnicas e gerenciais, tornam o trabalho penoso, sofrido.

A compreensão desses sentimentos antagônicos foi proposta pelo psiquiatra francês Christophe Dejours, através do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho¹. Para o autor, o sofrimento pode operar como um fator mobilizador de investimentos para a transformação da realidade e conferir prazer ao trabalhador². Nesse contexto, a criatividade é utilizada para ressignificar o sofrimento numa vivência positiva que, por sua vez, contribuirá na construção da identidade profissional e potencializará a resistência diante dos riscos de desestabilização psicossomática³.

O esgotamento profissional e a falta de reconhecimento no trabalho são considerados como indicadores de sofrimento. Vivências de situações que geram estresse, esgotamento emocional e sobrecarga, além dos sentimentos de frustração, insegurança, insatisfação e medo, contribuem para o esgotamento profissional. Outrossim, a falta de reconhecimento advém da desvalorização, falta de reconhecimento dos esforços desempenhados, discriminação, desqualificação, bem como sentimentos de injustiça, indignação e inutilidade.

Dos fatores intervenientes na atividade laboral dos enfermeiros, o estresse tem posição de destaque. Pesquisas identificaram sintomas de estresse com riscos à saúde dos enfermeiros^{4,5}. As situações estressantes da enfermagem incluem o elevado ritmo de trabalho, transferência de pacientes, cargas horárias exaustivas, trabalho noturno, múltiplos vínculos, horas extras, envolvimento emocional com pacientes e respectivos acompanhantes, responsabilidades assistenciais, salários insuficientes e relações interpessoais conflituosas no ambiente de trabalho^{6,7}. Tais estressores podem ser fonte de sofrimento e gerar esgotamento profissional e falta de reconhecimento.

Destarte, investigar o estresse e o sofrimento em enfermeiros considerando variáveis pessoais, laborais e de hábitos de vida corresponde um importante investimento na saúde desse profissional que desenvolve papel indispensável na sociedade. Apesar das evidências científicas demonstrarem níveis de estresse com riscos à saúde desses profissionais^{4,5}, a presente pesquisa vem se agregar às demais, na tentativa de reiterar, com mais clareza o estresse, os estressores, as vivências de sofrimento e os fatores associados.

A importância da investigação desses fenômenos é sustentada pela capacidade de compreender fatores que comprometem o desempenho da atividade laboral dos enfermeiros e trazer contribuições para a enfermagem do futuro. O fato de o estudo ter se desenrolado em hospitais escola, torna os resultados ainda mais relevantes devido à proximidade entre os enfermeiros e os graduandos que desempenham atividades práticas, estágios curriculares ou visitas técnicas, na perspectiva que essa relação interpessoal pode fundamentar-se em vivências de prazer ou gerar estresse e sofrimento àqueles que ainda estão no processo de formação.

Ademais, a enfermagem ganhou visibilidade no contexto mundial devido à pandemia da COVID-19. Preocupados com os impactos dessa crise, pesquisas nacionais e internacionais^{8,9,10} foram desenvolvidas com o intuito de investigar o sofrimento e os acometimentos físicos e psicológicos nos enfermeiros. Vale salientar que, a presente pesquisa foi realizada num contexto pré-pandêmico, o que por sua vez torna-se de grande relevância, uma vez que servirá de suporte para analisar os impactos, atenuados ou agravados, à saúde. Desse modo, é oportuno identificar as possíveis associações entre o estresse e o sofrimento com as variáveis pessoais, laborais e hábitos de vida.

MÉTODO

Pesquisa com delineamento transversal, de abordagem quantitativa, exploratória, do tipo correlacional, realizada no Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco (UPE), localizado em Recife - Pernambuco, Brasil. O Complexo Hospitalar é composto por três unidades, denominadas A, B e C, a fim de respeitar a confidencialidade e o anonimato. Os hospitais oferecem assistência hospitalar de média e alta complexidade em diversas especialidades médicas e são cenário de práticas acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão para os cursos da saúde da UPE.

Dentre os profissionais que compõem as categorias de enfermagem, optou-se por realizar a pesquisa com enfermeiros. As listas com o quantitativo de profissionais por setor foram disponibilizadas pelas gerências de enfermagem. A população do estudo foi composta por 500 enfermeiros, sendo 110 vinculados ao hospital A, 172 no B e 218 na unidade C.

O estudo contou com a participação de 221 enfermeiros selecionados a partir da realização de uma amostragem estratificada por setor, na qual o número de participantes da pesquisa foi definido com base no quantitativo de enfermeiros lotados em cada área hospitalar. A coleta de dados foi planejada para evitar que quaisquer setores fossem priorizados.

A coleta de dados foi realizada pela primeira autora desse estudo, no período de junho de 2019 a fevereiro de 2020, momento em que se iniciava o surto pandêmico da COVID-19 no Brasil. Os dados foram coletados presencialmente e de forma individual durante o horário de trabalho, levando cerca de 10 minutos para integralizar os questionamentos contidos no formulário de entrevista.

Para evitar vieses nos resultados da pesquisa, optou-se por interromper a coleta de dados quando foi registrado o primeiro caso de COVID no Brasil, considerando a possibilidade de elevar os níveis de estresse e sofrimento nos enfermeiros em decorrência da pandemia. Foram incluídos na pesquisa os enfermeiros concursados, atuantes na gestão e na assistência direta ao paciente, cumprindo quaisquer tipos de escala, sendo excluídos aqueles com menos de um ano de atuação profissional e os afastados devido a férias, licença saúde, prêmio ou maternidade.

Os dados que caracterizaram os trabalhadores foram obtidos a partir de um instrumento, elaborado pelos autores, abordando questões pessoais, laborais e de hábitos de vida, como: sexo, raça/cor, estado civil, titulação, número de vínculos empregatícios, remuneração em salários mínimos, carga horária semanal, plantão extra, hora extra, satisfação com a remuneração, dobra de plantão, interesse em mudar de emprego e profissão, descanso e tempo de descanso durante o plantão, consumo/frequência de bebidas alcoólicas e fumo, horas de sono por dia e qualidade do sono.

Para mensurar o estresse, utilizou-se o Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE)¹¹. Trata-se de uma escala de 5 pontos de intensidade, composta por 44 itens considerados como fontes de estresse e tensão na atuação do enfermeiro. O inventário investiga três fatores específicos, a saber: relações interpessoais, papéis estressores na carreira e fatores intrínsecos ao trabalho. Ademais, o fator 4 foi assim intitulado por não apresentar comunalidades, sendo mantido na escala por indicar confiabilidade¹¹.

Os resultados podem ser descritos pela média e desvio padrão, escore bruto e escore z. A pontuação mínima é de 44 pontos e a máxima é de 220. Escores superiores a 145 são fortes indicadores de que o enfermeiro considera a atividade laboral estressante¹¹.

O sofrimento foi investigado pela Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). A EIPST é composta por 47 vivências que investigam quatro indicadores, sendo dois positivos ou referentes ao prazer (realização profissional e liberdade de expressão) e dois negativos ou de sofrimento (esgotamento profissional e falta de reconhecimento). Embora a escala avalie o prazer e sofrimento, nesse estudo serão consideradas apenas as vivências de sofrimento. A avaliação dos indicadores de sofrimento foi classificada como: grave ≥ 4 ; moderada ou crítica, entre 3,9 e 2,1; e satisfatória $\leq 2,0$ ¹².

Para eliminar erros de digitação os dados, foram digitados em dupla entrada no *Microsoft Excel*, versão 2010. A conferência foi realizada pelo programa *Epi-Info* versão 3.5.4. Os dados foram conferidos em sua totalidade e só seguiram para a fase de análises após completa paridade. Finalizada esta etapa, os dados foram exportados e analisados pelo *Software for Statistics and Data Science – STATA*, versão 12. As análises descritivas foram desenvolvidas a partir de frequências absolutas (n) e relativas (%). O teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov foi aplicado para a avaliação da distribuição dos dados. As associações entre as variáveis categóricas foram verificadas por meio do teste de Qui-Quadrado ou teste exato de Fisher. A ANOVA *one-way* foi utilizada para a comparação das variáveis contínuas entre os grupos. Para as análises estatísticas, adotou-se o nível de significância de $p < 0,05$. Em caso de *missing*, as análises foram realizadas apenas com os participantes com informações completas.

O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa. A participação dos enfermeiros foi voluntária e formalizada com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Os/As enfermeiros/as são em sua maioria do sexo feminino (87,8%), pardos/as (42,5%), casados/as (52,9%), com titulação de pós-graduação *Lato Sensu* (77,4%), vinculados a dois empregos (69,2%) e com carga horária semanal de 30 horas (46,1%) e 60 horas ou mais (31,7%). Ademais, 3,2% possuem três vínculos empregatícios. No que se refere a remuneração, 12,2% recebem menos de 3 salários mínimos, 24% recebem 3 salários mínimos, 43,0% recebem mais de 3 a 6 salários mínimos, 15,4% recebem mais de 6 salários e 5,4% não declararam.

Os dados acerca do relato de descanso durante o plantão revelaram que 45,3% descansam, sendo 16,7% por até duas horas. Os plantões extras são executados por 27,6%, sendo em 21,3% para complementar a renda. Além disso, 18,9% fazem horas extras por necessidade do serviço, devido à espera para passar o plantão, e 33,9% dobram de plantão decorrente de faltas e carência de profissionais na instituição.

A avaliação do IEE constatou que 19,9% dos/as enfermeiros/as estão estressados/as. As principais fontes de estresse e tensão no domínio relações interpessoais foram *atender um número grande de pessoas* ($\mu=3,17$; $DP=1,51$) e *resolver imprevistos que acontecem no local de trabalho* ($\mu=3,13$; $DP=1,27$). Nos papéis estressores na carreira, *trabalhar em instalações físicas inadequadas* ($\mu=3,35$; $DP=1,39$), *trabalhar em ambiente insalubre* ($\mu=3,20$; $DP=1,52$) e *trabalhar com pessoas despreparadas* ($\mu=3,02$; $DP=1,29$). Os fatores intrínsecos ao trabalho foram representados com maiores médias em *falta de recursos humanos* ($\mu=3,58$; $DP=1,24$), *sentir desgaste emocional com o trabalho* ($\mu=3,31$; $DP=1,23$), *falta de material necessário para ao trabalho* ($\mu=3,29$; $DP=1,32$) e *administrar ou supervisionar o trabalho de outras pessoas* ($\mu=3,26$; $DP=1,42$). O fator 4 foi representado por *receber este salário* ($\mu=3,71$; $DP=1,48$). A média do IEE total foi de ($\mu=117,27$; $DP=33,96$), enquanto que as médias por domínios evidenciaram ($\mu=42,52$; $DP=14,42$) em relações interpessoais, ($\mu=30,12$; $DP=11,11$) em papéis estressores na carreira, ($\mu=28,88$; $DP=8,75$) em fatores intrínsecos ao trabalho e ($\mu=15,76$; $DP=4,92$) no fator 4.

O esgotamento profissional foi “satisfatório” em 19,4% dos enfermeiros/as, “crítico” em 47,1% e “grave” em 33,5%. A falta de reconhecimento foi “satisfatório” em 44,3%, “crítico” 38,5% e “grave” em 17,2%. As vivências de esgotamento profissional foram representadas pelo *estresse* ($\mu=4,14$; $DP=1,86$), *sobrecarga* ($\mu=3,96$; $DP=2,00$), *frustração* ($\mu=3,14$; $DP=2,14$), *insatisfação* ($\mu=3,30$; $DP=2,01$), *insegurança* ($\mu=2,62$; $DP=2,07$) e *medo* ($\mu=2,09$; $DP=2,06$). Na falta de reconhecimento, evidenciou-se a *falta de reconhecimento do meu esforço* ($\mu=2,96$; $DP=2,09$), *falta de reconhecimento do meu desempenho* ($\mu=2,74$; $DP=2,10$), *desvalorização* ($\mu=2,84$; $DP=2,27$), *indignação* ($\mu=2,74$; $DP=2,25$),

injustiça ($\mu=2,48$; $DP=2,22$), *inutilidade* ($\mu=1,69$; $DP=1,96$), *desqualificação* ($\mu=1,57$; $DP=1,95$) e *discriminação* ($\mu=1,54$; $DP=2,02$). Os indicadores de sofrimento evidenciaram médias superiores para o esgotamento profissional ($\mu=3,31$; $DP=1,57$), quando comparadas à falta de reconhecimento ($\mu=2,32$; $DP=1,72$), porém ambos foram “críticos”.

Os dados das associações entre o estresse e as variáveis pessoais, laborais e de hábitos de vida estão na Tabela 1.

Tabela 1 – Associação entre o estresse e variáveis pessoais, laborais e de hábitos de vida em enfermeiros/as do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 2019-2020.

	Sim	Não	χ^2	p
	n (%)			
Sexo				
Feminino	43(22,2)	151(77,8)	4,295	0,055 [†]
Masculino	1(4,2)	23(95,8)		
Titulação				
Pós-graduação Lato Sensu	33(19,3)	138(80,7)	4,476	0,189 [†]
Mestrado	7(29,2)	17(70,8)		
Doutorado	3(37,5)	5(62,5)		
Graduação	1(6,7)	14(93,3)		
Número de vínculos empregatícios				
Um	8(13,1)	53(86,9)	2,609	0,271*
Dois	34(22,2)	119(77,8)		
Três	2(28,6)	5(71,4)		
Satisfação com a remuneração				
Sim	2(5,7)	33(94,3)	5,531	0,019*
Não	42(23,2)	139(76,8)		
Interesse em mudar de emprego				
Sim	25(35,2)	46(64,8)	15,160	0,000*
Não	19(12,8)	130(87,2)		
Interesse em mudar de profissão				
Sim	19(35,2)	35(64,8)	10,028	0,002*
Não	25(15,2)	139(84,8)		
Qualidade do sono				
Ótimo	1(11,1)	8(88,9)	6,736	0,173*
Bom	12(16,9)	59(83,1)		
Regular	14(16,1)	73(83,9)		
Ruim	13(30,2)	30(69,8)		
Péssimo	4(36,4)	7(63,6)		
Consumo de bebidas alcoólicas				
Sim	20(22,7)	68(77,3)	0,728	0,393*
Não	24(18,0)	109(82,0)		
Frequência de consumo de bebidas alcoólicas				
1 ou 2 vezes por mês	8(22,9)	27(77,1)	0,275	0,871*
Mensal	6(20,0)	24(80,0)		
Semanal	6(26,1)	17(73,9)		

* Qui-quadrado de Pearson [†]Teste Exato de Fisher.

Conforme a Tabela 1, o estresse esteve associado à satisfação com a remuneração ($p=0,019$), ao interesse em mudar de emprego ($p=0,000$) e à profissão ($p=0,002$), porém não houve associação significativa com o sexo ($p=0,055$), titulação ($p=0,189$), número de vínculos empregatícios ($p=0,271$), qualidade do sono ($p=0,173$), consumo de bebidas alcoólicas ($p=0,393$) e frequência de consumo de bebidas alcoólicas ($p=0,871$). As associações com os indicadores de sofrimento estão nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Associação do esgotamento profissional com o IEE, variáveis pessoais, laborais e hábitos de vida em enfermeiros/as do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 2019-2020.

	Grave	Crítica	Satisfatória	χ^2	p
	n (%)				
Sexo					
Feminino	68 (35,1)	91 (46,9)	35 (18,0)	3,827	0,148*
Masculino	5 (20,8)	11 (45,9)	8 (33,3)		
Titulação					
Pós-graduação Lato Sensu	63 (36,9)	77 (45,0)	31 (18,1)	9,678	0,194 [†]
Mestrado	7 (29,2)	13 (54,2)	4 (16,6)		
Doutorado	2 (25,0)	5 (62,5)	1 (12,5)		
Graduação	2 (13,3)	6 (40,0)	7 (46,7)		
Número de vínculos empregatícios					
Um	17 (27,9)	29 (47,5)	15 (24,6)	3,369	0,530 [†]
Dois	54 (35,3)	71 (46,4)	28 (18,3)		
Três	3 (42,9)	4 (57,1)	0 (0,0)		
Satisfação com a remuneração					
Sim	10 (28,6)	17 (48,6)	8 (22,8)	0,617	0,735*
Não	63 (34,8)	84 (46,4)	34 (18,8)		
Interesse em mudar de emprego					
Sim	35 (49,3)	30 (42,2)	6 (8,5)	14,711	0,001*
Não	39 (26,2)	73 (49,0)	37 (24,8)		
Interesse em mudar de profissão					
Sim	27 (50,0)	22 (40,7)	5 (9,3)	10,393	0,006*
Não	46 (28,0)	80 (48,8)	38 (23,2)		
Qualidade do sono					
Ótimo	2(22,2)	4(44,4)	3(33,4)	10,816	0,192 [†]
Bom	17(23,9)	34(47,9)	20(28,2)		
Regular	31(35,6)	44(50,6)	12(13,8)		
Ruim	19(44,1)	18(41,9)	6(14,0)		
Péssimo	5(45,4)	4(36,4)	2(18,2)		
Consumo de bebidas alcoólicas					
Sim	26(29,5)	49(55,7)	13(14,8)	4,637	0,098*
Não	48(36,1)	55(41,4)	30(22,5)		
Frequência de consumo de bebidas alcoólicas					
1 ou 2 vezes por mês	7(20,0)	21(60,0)	7(20,0)	5,036	0,284 [†]
Mensal	10(33,3)	18(60,0)	2(6,7)		
Semanal	9(39,1)	10(43,5)	4(17,4)		
Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE)					
Estressados	26(59,1)	18(40,9)	0(0,0)	21,889	0,000*
Não estressados	48(27,1)	86(48,6)	43(24,3)		

* Qui-quadrado de Pearson [†]Teste Exato de Fisher.

De acordo com a Tabela 2, o esgotamento profissional esteve associado ao interesse em mudar de emprego ($p=0,001$), ao interesse em mudar de profissão ($p=0,006$) e ao IEE ($p=0,000$). Na Tabela 3, observou-se associação significativa da falta de reconhecimento com o IEE ($p=0,000$).

Tabela 3 – Associação da falta de reconhecimento com o IEE, variáveis pessoais, laborais e hábitos de vida em enfermeiros/as do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco (UPE), Recife – Pernambuco, Brasil, 2019-2020.

	Grave	Crítica n (%)	Satisfatória	χ^2	p
Sexo					
Feminino	68 (35,1)	91 (46,9)	35 (18,0)	0,925	0,630*
Masculino	5 (20,8)	11 (45,9)	8 (33,3)		
Titulação					
Pós-graduação Lato Sensu	63 (36,9)	77 (45,0)	31 (18,1)	6,884	0,307†
Mestrado	7 (29,2)	13 (54,2)	4 (16,6)		
Doutorado	2 (25,0)	5 (62,5)	1 (12,5)		
Graduação	2 (13,3)	6 (40,0)	7 (46,7)		
Número de vínculos empregatícios					
Um	17 (27,9)	29 (47,5)	15 (24,6)	1,846	0,791†
Dois	54 (35,3)	71 (46,4)	28 (18,3)		
Três	3 (42,9)	4 (57,1)	0 (0,0)		
Satisfação com a remuneração					
Sim	10 (28,6)	17 (48,6)	8 (22,8)	2,478	0,290*
Não	63 (34,8)	84 (46,4)	34 (18,8)		
Interesse em mudar de emprego					
Sim	35 (49,3)	30 (42,2)	6 (8,5)	7,307	0,026*
Não	39 (26,2)	73 (49,0)	37 (24,8)		
Interesse em mudar de profissão					
Sim	27 (50,0)	22 (40,7)	5 (9,3)	3,889	0,143*
Não	46 (28,0)	80 (48,8)	38 (23,2)		
Qualidade do sono					
Ótimo	2(22,2)	2(22,2)	5(55,6)	9,475	0,282†
Bom	7(9,9)	28(39,4)	36(50,7)		
Regular	14(16,1)	36(41,4)	37(42,5)		
Ruim	11(25,6)	15(34,9)	17(39,5)		
Péssimo	4(36,4)	4(36,4)	3(27,2)		
Consumo de bebidas alcoólicas					
Sim	17(19,3)	33(37,5)	38(43,2)	0,463	0,793*
Não	21(15,8)	52(39,1)	60(45,1)		
Frequência de consumo de bebidas alcoólicas					
1 ou 2 vezes por mês	6(17,1)	15(42,9)	14(40,0)	3,739	0,442*
Mensal	4(13,3)	10(33,3)	16(53,4)		
Semanal	7(30,4)	8(34,8)	8(34,8)		
Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE)					
Estressados	16(36,4)	20(45,5)	8(18,1)	20,919	0,000*
Não estressados	22(12,4)	65(36,7)	90(50,9)		

* Qui-quadrado de Pearson †Teste Exato de Fisher.

A falta de reconhecimento não esteve associada ao sexo ($p=0,630$), à titulação ($p=0,307$), ao número de vínculos empregatícios ($p=0,791$), à satisfação com a remuneração ($p=0,290$), ao interesse em mudar de emprego ($p=0,026$), ao interesse em mudar de profissão ($p=0,143$), à qualidade do sono ($p=0,282$), ao consumo de bebidas alcoólicas ($p=0,793$) à frequência de consumo ($p=0,442$). As comparações foram significativas em sua totalidade entre os domínios do estresse e a classificação dos indicadores de sofrimento, conforme a Tabela 4.

Tabela 4 – Comparação dos domínios do estresse de acordo com a classificação dos indicadores de sofrimento em enfermeiros/as do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 2019-2020.

	Média (DP)			p [†]
	Grave	Crítica	Satisfatória	
Esgotamento profissional				
RI [‡]	48,4(14,7)	41,5(13,4)	35,0(12,5)	<0,001
PEC [§]	33,7(10,8)	30,2(10,4)	23,6(10,6)	<0,001
FIT	32,0(8,6)	28,8(7,9)	23,6(8,4)	<0,001
Fator 4	17,0(5,5)	15,5(4,5)	14,2(4,4)	0,009
Falta de reconhecimento				
RI [‡]	50,2(14,5)	45,2(13,8)	37,2(13,0)	<0,001
PEC [§]	34,5(10,8)	32,3(10,7)	26,5(10,6)	<0,001
FIT	32,9(9,2)	31,3(8,1)	25,2(7,7)	<0,001
Fator 4	17,3(5,4)	16,5(4,8)	14,5(4,5)	0,002

[‡]RI – Relações Interpessoais; [§]PEC – Papéis Estressores na Carreira; ^{||}FIT – Fatores Intrínsecos ao Trabalho. [†]Teste de ANOVA.

DISCUSSÃO

A pesquisa demonstrou posição de destaque ao sexo feminino, no que diz respeito ao estresse. Nesse contexto, considera-se que o estresse das profissionais de enfermagem está atrelado ao acúmulo de tarefas e funções profissionais e/ou pessoais, uma vez que a mulher não se desvincula do papel de mãe e chefe do lar¹³, estando mais propensa a níveis eminentes de estresse e a uma qualidade de vida prejudicada¹⁴. Outrossim, embora exista uma tendência cada vez maior de homens na enfermagem, a predominância feminina é sustentada na profissão¹⁵.

Com relação à titulação, o maior quantitativo de enfermeiros/as estressados possui pós-graduação *Lato Sensu*, porém o quantitativo de estressados/as com titulação de mestre/a e doutor/a foi considerável, o que sugere que a formação *Stricto Sensu* não exerce um papel amortecedor para o estresse. Ao se empenhar nessas qualificações, os profissionais criam expectativas diversas que, quando não supridas, podem gerar frustração e eventualmente estressar-se ainda mais diante da profissão. Estudo realizado com enfermeiros mestres e doutores egressos do programa de pós-graduação *Stricto Sensu*, evidenciou a relevância dessa qualificação para o maior reconhecimento e valorização no trabalho. Entretanto, enfatizou-se o aumento de responsabilidades e carga horária de trabalho, diminuição do tempo para lazer e descanso, o que resultou em desgaste e sofrimento psíquico¹⁶.

A qualidade do sono foi considerada por boa parte dos enfermeiros/as estressados/as como “ruim” ou “péssima”. O sono é um processo essencial para o estabelecimento das funções do organismo e a sua privação ou a sua irregularidade resultam em alterações hormonais e ganho de peso¹⁷, podendo o estresse trazer consequências diversas como ansiedade e alterações no padrão do sono e ingestão alimentar¹⁸.

No que se refere ao estresse, estudos brasileiros realizados em serviço privado¹⁸ e com profissionais de enfermagem em hospital universitário¹⁹ identificaram os papéis estressores na carreira como principais fatores de influência no estresse. A investigação do estresse em enfermeiros do Centro de Terapia Intensiva evidenciou que as pontuações mais elevadas nos itens do IEE foram: “administrar ou supervisionar o trabalho de outras pessoas”, “restrição da autonomia profissional” e “interferência da política institucional no trabalho”²⁰.

Para Reis *et al.* (2020)¹⁸, as principais situações estressoras foram “ter um prazo curto para cumprir ordens”, “executar tarefas distintas simultaneamente” e “trabalhar com pessoas despreparadas”. Contrariamente aos estudos supracitados, as relações interpessoais foram as principais fontes de estresse, sendo representados principalmente por “resolver imprevistos que acontecem no local de trabalho” e “atender a um número grande de pessoas”, o que comprova as fragilidades dos serviços de saúde pública quanto à superlotação e carência de recursos de diversas naturezas, exigindo dos enfermeiros/as capacidade de resolução e improviso.

Ademais, a pesquisa revelou que os enfermeiros/as estão lidando com diversos riscos inerentes à atividade laboral, trabalham em instalações físicas inadequadas, convivem com profissionais despreparados, não dispõem dos materiais e recursos humanos necessários para desenvolver sua função, sentem desgaste emocional ao desempenhar sua função e ao administrar e supervisionar a equipe e recebem baixos salários.

No tocante à remuneração, os/as enfermeiros/as vinculam-se a dois ou mais empregos para obter salário digno. Tal insatisfação reflete no desejo de mudar de emprego e profissão. Destarte, acredita-se que com a aprovação da Lei 14.434²¹, que estabelece o piso salarial dos profissionais de enfermagem, haja a redução do número de enfermeiros estressados e insatisfeitos com o emprego e a profissão.

Contrariamente ao presente estudo em Cartagena, Colômbia, o estresse esteve associado com a idade inferior a 30 anos, ter companheiro, ter mais de um filho, trabalhar em ambulatório, ser contratado, estar vinculado à empresa há mais de dois anos e ter mais de cinco anos de experiência no cargo²². Em Taiwan, China, os preditores da síndrome de *Burnout* foram a idade, sintomas físicos/psicológicos, satisfação no trabalho e o envolvimento no trabalho²³.

A atividade laboral do/a enfermeiro/a possui nuances que podem proporcionar prazer e/ou sofrimento. O/A enfermeiro/a luta, diariamente, contra a morte e as enfermidades, administra equipes, controla equipamentos e dimensiona materiais, comanda uma equipe e oferece assistência à saúde dos enfermos. Nesse cenário, o prazer emerge como resultado pela contribuição na cura e/ou na reabilitação dos pacientes e o sofrimento surge, quando as condições de trabalho são insatisfatórias para oferecer uma assistência de qualidade ou quando as investidas na assistência à saúde são vãs.

O trabalho é um fundamental para a estruturação da saúde dos indivíduos, isso porque estimula os modos de subjetividade e de realização própria²⁴. O sofrimento inicia quando o trabalhador não alcança o objetivo de conclusão das tarefas no trabalho, apesar do zelo. Não obstante, as sensações de prazer surgem no momento em que, por meio do seu zelo, soluções apropriadas são elaboradas. O zelo é entendido como o envolvimento afetivo da subjetividade, em atrito com os ensinamentos experimentados, ao desempenhar as atividades costumeiras²⁵.

Contrariamente aos resultados apresentados, estudos semelhantes classificaram a falta de reconhecimento satisfatoriamente^{26,27} e o esgotamento profissional crítico^{27,28,29}. Na unidade de internação oncopediátrica, o sofrimento foi vivenciado ao prestar cuidados paliativos, realizar procedimentos invasivos e organização do trabalho, bem como lidar com a morte dos pacientes³⁰. Na clínica cirúrgica, foram referidas as condições laborais inapropriadas, quadros clínicos difíceis de lidar, falecimento dos enfermos, carência de distração e necessidade optar entre trabalhar e cuidar da família³¹.

Embora o foco da investigação seja o estresse e o sofrimento, a satisfação foi considerada como multifatorial no trabalho de enfermeiros intensivistas, relacionando-se à autonomia, salários dignos, resultados atingidos em grupo e carga horária excessiva³². Outrossim, o prazer quando vivenciado no trabalho, melhora a comunicação interpessoal³³. Em setores como a unidade de terapia intensiva pediátrica, o prazer foi vivenciado no êxito da recuperação da criança³⁴, não obstante na atenção paliativa oncológica no sentimento de motivação e reconhecimento do trabalho prestado³⁵.

Nesta pesquisa, o esgotamento profissional mostrou-se grave, recebendo forte influência do estresse, esgotamento emocional, insatisfação, sobrecarga, frustração, insegurança e medo. Estas sensações de sofrimento, aliadas com a falta de reconhecimento do esforço e do desempenho empregado, desvalorização, indignação e injustiça, inserem o/a enfermeiro/a numa posição de vulnerabilidade. O esgotamento profissional e a falta de reconhecimento são estressores que motivam os/as enfermeiros/as a mudar de emprego e profissão.

A enfermagem é uma profissão que tem por missão “cuidar”, porém, é injusto exigir tanto de uma profissão que não é “cuidada”. O sentimento de quem cuida é de “ingratidão”, por se doar tanto e pouco receber em troca. Diante do exposto, pode-se inferir que a insatisfação no trabalho dos/as enfermeiros/as é multifatorial e exige investigação constante, considerando que os contextos laborais estão em constante transformação.

Ao considerar o importante papel social desempenhado pelos/as enfermeiros/as, tornam-se imperativas condições de trabalho dignas que permitam esses profissionais experimentarem constantes sensações de prazer ao exercer a profissão. Embora os resultados apresentados sirvam de disparadores para que estratégias de proteção à saúde sejam traçadas, a pesquisa é limitada por não estabelecer relação de causa e efeito, tampouco medidas laboratoriais do dimensionamento do estresse. Outrossim, questionamentos como o número de pacientes sob responsabilidade dos/as enfermeiros/as por plantão e o número de horas dedicadas à família e atividades de vida diária não foram abordadas.

Nesse contexto, sugere-se que estudos futuros se empenhem em questionamentos não abordados, bem como investiguem os fundamentos e consequências do estresse e sofrimento, para que o seu enfrentamento seja delineado considerando a individualidade dos/as enfermeiros/as. Acredita-se que a realidade da pesquisa é específica, pois representa o cenário de três hospitais da capital pernambucana. Contudo, diante da diversidade econômica, social e cultural do país, estudos dessa natureza merecem ser realizados, problematizados e discutidos em outras localidades, para que sejam pontuadas semelhanças e diferenças.

Diante do exposto, considera-se relevante que as entidades de classe da profissão tomem conhecimento dos resultados ora apresentados, para que sejam tomadas medidas de acordo com suas competências. Ademais, faz-se necessário que as unidades hospitalares priorizem a saúde do trabalhador, mediante ações que minimizem os estressores, reduzam os riscos ocupacionais, operem mudanças nas condições de trabalho e os/as enfermeiros sejam ativos/as na construção e no acompanhamento das condições de saúde.

CONCLUSÃO

Estresse, sobrecarga, esgotamento emocional, insatisfação, frustração, desvalorização, falta de reconhecimento do esforço e desempenho, indignação e injustiça assinalaram as sensações de sofrimento. O estresse vivenciado na atividade laboral do/a enfermeiro/a recebe forte influência da baixa remuneração, levando-os a desejar mudar de emprego e profissão. O esgotamento profissional e a falta de reconhecimento são estressores que impulsionam mecanismos de defesa, dentre estes, o desejo de mudar de emprego.

O fato desse estudo ter sido desenvolvido em hospitais-escola agrava ainda mais os resultados dessa pesquisa, porque os estudantes desenham um cenário ideal dos campos de estágio, no entanto, em muitos casos, essa realidade é frustrada ao se depararem com um contexto diverso, gerando desestímulo, insegurança e insatisfação desde a formação profissional.

Os resultados da pesquisa servem de alerta para que seja reconhecido que a enfermagem está adoecendo em decorrência de condições de trabalho inadequadas, sobrecargas físicas, mentais e emocionais, estresse ocupacional e falta de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

1. Dejours C, Abdoucheli E. *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas; 1994.
2. Dejours C. *Trabalhe hoje: novas formas de sofrimento e ação coletiva*. In: Wlosko M, Ros CO, orgs. *Trabalho entre o prazer e o sofrimento. remédios para escalada*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Lanús; 2019. p. 51-9.
3. Mendes AM, Ferreira MC, Cruz RM. O diálogo psicodinâmico, ergonomia, psicometria. In: Mendes AM, editor. *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007. p. 89-110.
4. Cavalcante FLNF, Negreiros BTC, Maia RS, Maia EMC. Depresión, ansiedad y estrés en profesionales de primera línea COVID-19. *Rev Port Enferm Saúde Mental* [Internet]. 2022 [acesso 2022 Abr 21];27:6-20. Disponível em: <https://doi.org/10.19131/rpesm.321>
5. Zhou Y, Guo X, Yin H. Um modelo de equação estrutural da relação entre estresse ocupacional, estilos de enfrentamento e saúde mental de enfermeiros pediátricos na China: um estudo transversal. *Psiquiatria BMC* [Internet]. 2022 [acesso 2022 Jun 21];22(1):416. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-022-04061-4>
6. Emmanuel T, Dall’Ora C, Ewings S, Griffiths P. Are long shifts, overtime and staffing levels associated with nurses’ opportunity for educational activities, communication and continuity of care assignments? A cross-sectional study. *Int J Nurs Stud Adv* [Internet]. 2020 [acesso 2022 Abr 21];2:100002. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijnsa.2020.100002>
7. Pekurinen V, Willman L, Virtanen M, Kivimäki M, Vahtera J, Välimäki M. Patient Aggression and the wellbeing of nurses: a cross-sectional survey study in psychiatric and non-psychiatric settings. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2017 [acesso 2022 Abr 21];14(10):1245. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph14101245>
8. Al Maqbali M. Sleep disturbance among frontline nurses during the COVID-19 pandemic. *Sleep Biol Rhythms* [Internet]. 2021 [acesso 2022 Abr 21];19:467–73. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41105-021-00337-6>
9. Miranda FBG, Yamamura M, Pereira SS, Pereira CS, Protti-Zanatta ST, Costa MK, et al. Psychological distress among nursing professionals during the COVID-19 pandemic: Scoping Review. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2021 [acesso 2022 Abr 21];25(spe):e2020036. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0363>
10. Sirois FM, Owens J. Factors associated with psychological distress in health-care workers during an infectious disease outbreak: a rapid systematic review of the evidence. *Front Psychiatry* [Internet]. 2021 [acesso 2022 Abr 22];11:589545. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.589545>
11. Stacciarini JMR, Troccoli BT. Instrumento para mensurar o estresse ocupacional: Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE). *Rev Lat Am Enfermagem* [Internet]. 2000 [acesso 2022 Set 21];8(6):40-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000600007>
12. Mendes AM. *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.

13. Pinto APCM, Silva MF, Azevedo ACB, Rodrigues CCFM, Salvador PTCO, Santos VEP. Estresse no cotidiano dos profissionais de enfermagem: reflexos da rotina laboral hospitalar. *Rev Enferm UFSM* [Internet]. 2016 [acesso 2022 Set 22];6(4):548-58. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/21779>
14. Souza AMN, Teixeira ER. Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem do ambulatório de um hospital universitário. *Rev Enferm UFPE Online* [Internet]. 2015 [acesso 2023 Jan 05];9(3):7547-55. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10493>
15. Machado MH, Aguiar Filho WA, Lacerda WF, Oliveira E, Lemos W, Wermelinger M, et al. Características gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. *Enferm Foco* [Internet]. 2017 [acesso 2023 Jan 05];7:9-14. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.nESP.686>
16. Souza NVD de O, Silva M de S, Roque ABM, Costa CCP da, Andrade KBS de, Carvalho EC, et al. Perspectivas de egressos de enfermagem de cursos stricto sensu sobre o mundo do trabalho. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2022 [acesso 2023 Jan 20];27:e76136. Disponível em: <http://doi.org/10.5380/ce.v27i0.76136>
17. Silva AF, Dalri RCMB, Eckeli AL, Sousa-Uva A, Mendes AC, Robazzi MLCC. Sleep quality, personal and work variables and life habits of hospital nurses. *Rev Lat Am Enferm* [Internet]. 2022 [acesso 2023 Jan 21];30:e3538. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35584413/>
18. Reis CD, Amestoy SC, Silva GT, Santos SD, Varanda PA, Santos IA, et al. Situações estressoras e estratégias de enfrentamento adotadas por enfermeiras líderes. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2020 [acesso 2023 Jan 21];33:eAPE20190099. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/actape/2020AO0099>
19. Llapa-Rodriguez O, Oliveira JKA, Lopes Neto DL, Gois CFL, Campos MPA, Mattos MCT. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2018 [acesso 2023 Jan 21];26:e19404. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.19404>
20. Trettene AS, Costa RB, Prado PC, Tabaquim MLM, Razera APR. Stress – realities experienced by nurses working in an Intensive Care Unit. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2018 [acesso 2023 Jan 21];26:e17523. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.17523>
21. Brasil. Lei 14.434, de 4 de agosto de 2022. Altera a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, para instituir o piso salarial nacional do Enfermeiro, do Técnico de Enfermagem, do Auxiliar de Enfermagem e da Parteira. *Diário oficial da União* [Internet]. 2022 [acesso 2023 Jan 21]. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.434-de-4-de-agosto-de-2022-420535072>
22. Avila IYC, Llanos NT, Gomez AH, Tapias KC, Castro SL. Estrés laboral en enfermería y factores asociados Cartagena (Colombia). *Salud Uninorte* [Internet]. 2014 [acesso 2023 Jan 21];30(1):34-43. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/817/81730850005>
23. Lee HF, Yen M, Susan F. Predictors of Burnout Among Nurses in Taiwan. *Community Ment Health J* [Internet]. 2015 [acesso 2023 Jan 25];51(6):733-7. Disponível em: <http://doi.org/10.1007/s10597-014-9818-4>
24. Dejours C, Barros JDO, Lancman S. A centralidade do trabalho para a construção da saúde: entrevista com Christophe Dejours. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo* [Internet]. 2016 [acesso 2023 Jan 25];27(2):228-35. Disponível em: <http://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i2p228-235>
25. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C, Stocco MI, coord. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas; 2012.
26. Prestes FC, Beck CLC, Magnago TSBS, Silva RM. Pleasure-suffering indicators of nursing work in a hemodialysis nursing service. *Rev da Esc Enferm USP* [Internet]. 2015 [acesso 2023 Jan 25];49(3):469-77. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103234>

27. Glanzner CH, Olschowsky A, Dal Pai D, Tavares JP, Hoffman DA. Assessment of indicators and experiences of pain and pleasure in family health teams based on the Psychodynamics of Work. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2017 [acesso 2023 Jan 26];38(4):e2017-0098. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29933414/>
28. Campos JF, David HMSL, Souza NVDO. Placer y sufrimiento: evaluación de las enfermeras intensivistas por la psicodinámica del trabajo. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2014 [acesso 2023 Fev 09];18(1):90-5. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140013>
29. Pimenta CJL, Viana LRC, Bezerra TA, Silva CRR, Costa TF, Costa KNFM. Pleasure, suffering and interpersonal communication in the work of nurses in the hospital setting. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2020 [acesso 2023 Fev 09];29:e20190039. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0039>
30. Duarte MLC, Glanzner CH, Bagatini MMC, Silva DG, Mattos LG. Pleasure and suffering in the work of nurses at the oncopediatric hospital unit: qualitative research. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2021 [acesso 2023 Fev 09];74(Suppl 3):e20200735. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0735>
31. Leite JCRAP, Lisboa MTL, Soares SSS, Queiroz ABA, Souza NVDO. Pleasure and suffering of nursing professionals arising from work in surgical clinics. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2022 [acesso 2023 Fev 11];30:e63524. Disponível em: <http://doi.org/10.12957/reuerj.2022.63524>
32. Santos EL, Silva CEP, Oliveira JM, Barros VF, Romão CMSB, Santos JJ, et al. Satisfação profissional do enfermeiro no ambiente da Unidade de Terapia Intensiva. *Rev Baiana Enferm* [Internet]. 2021 [acesso 2023 Fev 11];33:e42812. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.42812>
33. Pimenta CJL, Viana LRC, Bezerra TA, Silva CRR, Costa TF, Costa KNFM. Prazer, sofrimento e comunicação interpessoal no trabalho de enfermeiros no ambiente hospitalar. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2020 [acesso 2023 Fev 11];29:e20190039. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0039>
34. Vasconcelos LS, Camponogara S, Dias GL, Bonfada MS, Beck CLC, Rodrigues IL. Prazer e sofrimento no trabalho de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica. *REME – Rev Min Enferm* [Internet]. 2019 [acesso 2023 Fev 11];23:e-1165. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20190013>
35. Siqueira ASA, Teixeira ER. A atenção paliativa oncológica e suas influências psíquicas na percepção do enfermeiro. *REME – Rev Min Enferm* [Internet]. 2019 [acesso 2023 Fev 11];23:e-1268. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20190116>

NOTAS

ORIGEM DO ARTIGO

Extraído da tese – Vivências de assédio moral e estresse no trabalho de enfermeiros hospitalares à luz da teoria da psicodinâmica do trabalho, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Enfermagem da Universidade de Pernambuco e Universidade Estadual da Paraíba, em 2021.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo: Medeiros SEG; Aquino JM.

Coleta de dados: Medeiros SEG.

Análise e interpretação dos dados: Medeiros SEG; Aquino JM; Arruda GA; Robazzi MLCC; Gomes BMR; Andrade MS; Monteiro EMLM.

Discussão dos resultados: Medeiros SEG; Aquino JM; Arruda GA; Robazzi MLCC; Gomes BMR; Andrade MS; Monteiro EMLM.

Redação e/ou revisão crítica do conteúdo: Medeiros SEG; Aquino JM; Arruda GA; Robazzi MLCC; Gomes BMR; Andrade MS; Monteiro EMLM.

Revisão e aprovação final da versão final: Medeiros SEG, Aquino JM, Arruda GA, Robazzi MLCC, Gomes BMR, Andrade MS, Monteiro EMLM.

FINANCIAMENTO

Auxílio para Projetos de Pesquisa (APQ) da Universidade de Pernambuco (UPE).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Complexo Hospitalar HUOC/PROCAPE, parecer n. 3.280.781/2019, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 07293218.7.0000.5192.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

EDITORES

Editores Associados: Renata Cristina de Campos Pereira Silveira, Ana Izabel Jatobá de Souza.

Editor-chefe: Elisiane Lorenzini.

HISTÓRICO

Recebido: 12 de dezembro de 2022.

Aprovado: 06 de abril de 2023.

AUTOR CORRESPONDENTE

Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros

silvia.medeiros@belojardim.ifpe.edu.br

